

A Tradição de *Dakshina*

Apresentado por Ami Bansal

Pense na Índia. O que lhe vem à mente? A primeira coisa que vem para mim é quão antiga ela é — como sua cultura é rica e histórica, quão profundas são suas filosofias, como são engenhosas suas invenções e como sua criatividade é infindável. Na Índia, existem inúmeras religiões, uma multiplicidade de costumes e línguas e muitas facetas da sabedoria e das tradições que sustentam a vida cotidiana.

Um dos aspectos dessa antiga sabedoria que os estudantes da Índia aprendem é a importância de fazer oferendas a um Mestre de quem receberam conhecimento. Especificamente quero focar no caminho espiritual — um discípulo se aproximando do Guru para receber a sabedoria do Ser. Os textos sagrados da Índia dão instruções para aqueles que anseiam pelo conhecimento do Absoluto, sobre como se aproximar do Guru. Um discípulo deve apresentar-se diante do Guru com humildade, devoção, uma disposição para servir — e seus braços carregados com as melhores oferendas que podem fazer. Essas oferendas feitas pelo discípulo ao Guru, são chamadas *dakshina*. Desde tempos imemoráveis, oferecer *dakshina* tem sido o *dharma* de todos os discípulos.

A palavra sânscrita *dakshina* tem vários significados maravilhosos. Na análise etimológica tradicional da palavra, a sílaba *da* significa “oferecer” e “dar”, a sílaba *kshi* significa “permanecer ou habitar” e a sílaba *na* representa “conhecimento”. Então, *Dakshina* é uma oferenda feita por um aluno ao professor, por meio da qual o aluno se estabelece no conhecimento que lhe foi transmitido.

Este *dharma* de fazer uma oferenda à fonte do conhecimento é fundamental no caminho para a realização de Deus. Os Upanishads, que destilam a essência transcendental dos Vedas, transmitem ensinamentos sobre o *dharma* do discípulo, o dever essencial, de fazer oferendas ao Mestre que transmite o conhecimento sagrado — o conhecimento do Ser. As escrituras descrevem como essas oferendas eram feitas de muitas formas — tais como ouro, prata, gado, grãos, roupas, um pedaço de terra ou outros bens materiais. Cada discípulo oferecia de acordo com suas possibilidades.

Os Upanishads também falam do *bhava* com o qual os alunos, que anseiam por conhecimento, devem fazer suas oferendas. *Bhava* descreve o estado de ser de uma pessoa, sua realidade interna, sua disposição inata. Cada um nasce com seu *bhava* único. Dito isto, um buscador no caminho para o conhecimento divino pode, por meio da graça e orientação de Shri Guru e por meio de sua própria *tapasya*, sua disciplina devotada — cultivar os *bhavas* que elevam e apoiam seus esforços. Eles podem desenvolver o *bhava* de dar, o *bhava* da generosidade, o *bhava* do respeito, da sagacidade, e assim por diante. Desenvolvem qualquer um desses *bhavas*, que são puros e altruístas, fazendo um esforço consciente para se estabelecer no estado puro do ser e cuidar para que seus pensamentos, palavras e ações fluam a partir desse espaço. Quanto mais alguém cultiva um *bhava*, mais intrínseco ele se torna ao seu caráter. E com o tempo, tem o potencial de se tornar seu *sva-bhava*, seu próprio estado natural de ser, único e sem esforço.

O *Taittiriya Upanishad* ensina o seguinte sobre o *bhava* de dar:

श्रद्धया देयम् । अश्रद्धयाऽदेयम् ।
श्रिया देयम् । ह्रिया देयम् ।
भिया देयम् । संविदा देयम् ।

śraddhayā deyam | *aśraddhayā'deyam* |
śriyā deyam | *hriyā deyam* |
bhiyā deyam | *saṁvidā deyam* |

Dê com fé. Nunca dê com desconfiança.
Dê com abundância. Dê com humildade.
Dê com o maior temor reverente.
Dê com um coração que transborda
com Consciência cintilante.

Seguindo os princípios inspiradores do *Taittiriya Upanishad*, estudantes da Índia antiga que buscavam conhecimento de um Mestre, ofereciam a ele com absoluta sinceridade. Existem muitas histórias nas escrituras e épicos indianos que ilustram como o discípulo fazia oferendas de *dakshina* ao Guru e, como resultado, uma alquimia divina acontecia. Por exemplo, existe a clássica história de Satyakama Jabala do *Chandogya Upanishad*.

Nessa história, Satyakama Jabala, um jovem buscador de uma família humilde, aproximou-se do grande sábio Gautama e lhe pediu que o aceitasse como seu estudante. Satyakama ansiava aprender o conhecimento de Brahman, o Absoluto. O Guru graciosamente aceitou Satyakama. Entretanto, antes de transmitir os ensinamentos sobre Brahman, o Guru deu a Satyakama quatrocentas cabeças de gado magro e fraco e o instruiu para que ele cuidasse muito bem deles.

Enquanto levava o gado embora para pastar na floresta, Satyakama prometeu a si mesmo: “Não retornarei ao meu professor enquanto não tiver mil cabeças de gado.” Para Satyakama, essas cabeças a mais representavam a riqueza que surgiria dos seus esforços e o potencial para oferecer *dakshina* ao seu Guru, a fonte da graça e da sabedoria.

Durante anos, Satyakama viveu na floresta cuidando amorosamente do gado. Por ter cuidado deles com tanta fé e dedicação, o gado ficou forte e saudável, se multiplicou e finalmente alcançou o número de mil cabeças. Um dia, quando Satyakama estava sentado sob uma figueira, observando

o gado e lembrando-se de seu Guru, um velho touro do rebanho dirigiu-se a ele: “Oh Satyakama, agora somos mil. Leve-nos à casa do Guru.” Satyakama agradeceu ao velho touro. E para seu espanto, o touro continuou a explicar sobre um aspecto de Brahman, o Absoluto.

Enquanto Satyakama realizava sua jornada de volta ao ashram do seu Guru, a cada dia os elementos e as criaturas da natureza elucidavam um aspecto diferente de Brahman. Primeiro uma pequena fogueira explicou o Deus onipresente a ele, depois um ganso selvagem e em seguida uma ave aquática. Para seu espanto contínuo, Satyakama recebeu ensinamentos profundos sobre o esplendor e infinitude do Absoluto durante todo o trajeto.

Quando Satyakama retornou ao ashram do seu Guru com as mil cabeças de gado, ele brilhava com a luz da sua realização. E incorporava, na mesma proporção do conhecimento que possuía, uma incrível humildade. Todo o ser de Satyakama refletia a presença da quietude.

O sábio Gautama observou a transformação maravilhosa do seu discípulo e a expressão em seus olhos era de um orgulho vivo e aparente. Ele disse a Satyakama: “Você brilha como um conhecedor de Brahman. Quem lhe deu esses ensinamentos?”

Satyakama respondeu com grande reverência: “Recebi os ensinamentos sobre Brahman de todos e tudo ao meu redor — as plantas, os animais, os elementos. Entretanto, amado Guru, continuo ansiando pelo conhecimento completo do Absoluto. Por favor, você vai me instruir?” O sábio Gautama sorriu para Satyakama e prosseguiu transmitindo os ensinamentos remanescentes, completando assim o entendimento de Satyakama sobre o Absoluto.

Todas as vezes que li essa história dos Upanishads e ouvi Gurumayi Chidvilasananda contá-la, eu aprendi muito. Essa história e outros

ensinamentos das escrituras sobre *dakshina* ajudam a demonstrar o valor desta prática sagrada para a *sadhana*. E pelas conversas que tenho com companheiros buscadores e eruditos, sei que isso é verdadeiro para muitos outros também. Sempre que alguém tem a oportunidade de ler ou ouvir essa história, percebe como ela elucida claramente o significado de oferecer ao Shri Guru — dar para aquele que personifica o conhecimento de Brahman e nos transmite seu conhecimento. Essas histórias e os ensinamentos das escrituras nos ajudam a esclarecer ainda mais o que aprendemos dos Gurus de Siddha Yoga: que é dando que o discípulo recebe e torna-se estabelecido na Verdade.

